

# REPORTAGEM



# ENSINAR, APRENDER, PESQUISAR PSICODRAMA. UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA NO BRASIL DESDE 1978.

Hoje vivo mais na Suíça que no Brasil; continuo aproveitando as oportunidades que me surgem para ensinar aquilo que gosto muito de fazer: sociodrama ou psicodrama.

Em 1977, tive a felicidade de iniciar minha formação em psicodrama. Anos após, comprometida com o movimento psicodramático, viajava pelo Brasil participando das reuniões do conselho ou dos diversos cursos que fui ministrando em associações de psicodrama, psicomotricidade ou encontros de pedagogos que trabalhavam em consultórios dos psicólogos.

Mais tarde, nos congressos de saúde ou de educação, chamaram-nos de pedagogos terapeutas. Assim, junto com outros, iniciei a psicopedagogia e auxiliiei na sua elaboração. Fui feliz ao encontrar no meu caminho o neurologista dr. Paulo Bearzoti, a psicomotricista Celma Cênamo, o psiquiatra dr. Oswaldo Di Loreto, a educadora Alicia Romaña, as psicodramatistas Vera Saldanha, Ana Zampiêre, Eveline Ramos, Angela Vives, Yvette Datner, além de muitos outros conselheiros da Febrap do norte ao sul do Brasil, hoje amigos queridos. No Rio de Janeiro trabalhei anos com Norma Jatobá, e em Campinas, com Pierre Weill. Depois foi uma seqüência de viagens mensais para o Rio de Janeiro, Fortaleza, Brasília, Salvador, São Paulo, Belo Horizonte e Uberaba, a fim de ministrar cursos de psicodrama em associações ou, mesmo, para grupos de profissionais que se reuniam em consultórios ou escolas particulares (em lugares onde não existiam ainda as chamadas Associações de Psicodrama). Durante alguns anos fiz parceria com Vera Saldanha na diretoria da Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama. Nesta época fui conselheira da Febrap por oito anos. Os encontros dos conselheiros eram realizados cada vez em um estado do Brasil. Dentro desta Associação em Campinas, durante 12 anos, dirigimos cursos de formação em psicodrama e, mais tarde, fizemos grupos de estudos sobre a física quântica e a psicologia transpessoal. Nesta época, década de 90, nasceu nossa proposta sobre sociodramas tematizados. Vera Saldanha e eu fazíamos co-direção, oferecendo: "Sociodrama de Orientação Transpessoal" ou "Morte e Renascimento" ou "Criatividade

e o Romper da Dualidade”, além de vários outros temas que nos facilitava a investigação da CRIATIVIDADE. Juntas trabalhávamos com estes temas também em congressos nacionais de psicodrama.

Como viajvamos para vários estados do Brasil, a fim de ministrar cursos, mas, muitas vezes, sem proposta de continuação, criávamos grupos de estudos e supervisionvamos a distância. Mais tarde os chamamos de “grupos auto-dirigidos”, pois a coordenação se revezava entre os alunos.

Em 1999, a revista Febrap (vol.7, número 2) publicou um artigo que escrevi sobre o tema CRIATIVIDADE, resultado de dez anos de atenção constante na investigação dos processos criativos. No entanto, o tema “aprendizagem”, que sempre investiguei nas crianças que aprendem diferente (para a medicina, dstrbio de aprendizagem - D.A.), foi mais bem vivido e compreendido após minha formação em psicodrama.

Passsei a utilizar o psicodrama para construir a matriz do papel do aluno. Sou grata a essas crianças e a alguns psicodramatistas da saúde, que naquela ocasião nos passavam força e reconheciam nossas contribuições pedagógicas, junto do movimento psicodramático da saúde. A luta para esta união exigiu bastante persistência, compreensão e trabalho para todos os que se envolveram de corpo e alma.

Sendo assim, o tema “aprendizagem” continuou me atraindo para os encontros de professores e supervisores do movimento psicodramático e para congressos nacionais ou internacionais de psicodrama dos quais me foi possível participar. Hoje, mais distante do movimento psicodramático, algumas vezes em contato com a Febrap e com alguns colegas, através da internet, continuo percebendo meu envolvimento com a pesquisa, o ensino e a aprendizagem do psicodrama. Li o convite que Devanir Merengu faz aos psicodramatistas e resolvi participar para dividir as questões que geralmente me aqueceram, como professora e supervisora bastante atuante até o ano de 2002.

Neste momento do meu processo, apesar de aposentada, continuo vivendo algumas experiências de ensinar psicodrama, em qualquer lugar em que chego e na Sua, dentro de qualquer grupo de estudo que queira usar dinâmicas de grupo ou teatro espontâneo para facilitar a aprendizagem. Os jardins aqui são belíssimos e algumas vezes formam-se grupos interessados em descobrir novos recursos internos.

Num país ou no outro, continuo atraindo crianças que aprendem diferente (D.A.). Adoro viver este encontro, pois me faz investigar. “Como o ser humano aprende!”. Foi por causa destas crianças que encontrei bem cedo, em meu caminho, o epistemologista Jean Piaget.

Elejo, neste momento, o método dialtico de Sócrates, pois me comunico sem a pretensão de responder às questões que sempre tentamos resolver quando nos propomos a ensinar, pesquisar ou aprender psicodrama. Gosto sempre de lembrar que Moreno considerou que “*Uma resposta invoca uma centena de perguntas*”. São estas perguntas que me aquecem para vivenciar com grande compromisso a aprendizagem e a pesquisa. As respostas, sem dvida, emergem da investigação vivenciada. Elas se encontram em nós mesmos, bem sabemos.

Pretendo, sim, colocar questões que apareceram para mim diante das “RESPOSTAS” que eu obtinha enquanto eu convivía, numa participação ativa, com o movimento psicodramático brasileiro.

Entre muitas outras RESPOSTAS que obtivemos durante estes anos de observação, pesquisa e participação, elejo cinco acompanhadas de algumas questões e comentários:

### 1. O modelo acadêmico de ensinar propõe uma aproximação intelectual do conteúdo a ser ensinado.

Esta aproximação é suficiente para aprender psicodrama? Como nos chegam os profissionais que se inscrevem para fazer o curso de psicodrama? Será que eles estão mentalmente livres para aprender a articular teorias e práticas? Nós, os profissionais que nos propomos a ensinar o psicodrama, levamos em consideração as leis naturais da aprendizagem? Investigamos junto com o grupo estas leis? Tendemos a repetir o modelo acadêmico de ensinar, provocando somente uma aproximação intelectual do conteúdo psicodramático? Que trabalho inicial se faz necessário para a mente ficar disponível a aceitar o novo, fazendo articulações da teoria com a prática? Que atenção colocamos para que o psicodrama não seja passado como sendo mais um, entre outros corpos teóricos já assimilados pelos alunos?

*Comentários: Considero importante, desde o primeiro módulo do curso de formação, propor ao aluno fazer projetos e receber supervisões na utilização de alguns recursos psicodramáticos. Quando o aluno busca a teoria por necessidade, ou seja, porque quer fazer um bom desenvolvimento do seu projeto, é que ele pesquisa, querendo entender e estudar o psicodrama. Ele fica cheio de questões!*

### 2. O epistemologista Jean Piaget, que melhor pesquisou e escreveu sobre APRENDIZAGEM muito nos auxilia, principalmente na construção do papel psicodramático de Observador.

Como o ser humano aprende? O que é aprendizagem? O que é aprendido? Como nos relacionamos com o pensamento dos opostos, como se um eliminasse o outro? Com ambos simultaneamente? O que é morte e renascimento no processo da aprendizagem? E, finalmente, o que é psicodrama? Quem foi seu criador?

*Comentários: Considero rico o resultado do casamento da Associação dos Psicodramatistas da Educação com o movimento psicodramático da saúde. Conseguimos, naquela época, valorizar a formação da matriz de identidade do homem moreniano, independentemente do “setting” em que o profissional servia. Isto foi resultado de uma luta por um psicodrama extenso (terapêutico, institucional, ou educacional). Como as experiências foram somadas, todos ganharam com esta união. Processo difícil o deste casamento! Lembro-me de que nós, do pedagógico, considerávamos muito importante, para iniciar um curso de formação, o desenvolvimento da postura de investigador. Durante os três primeiros meses do curso de formação utilizavam-se o teatro espontâneo, o sociodrama, os*

*jogos dramáticos, o psicodrama, a psicomotricidade, a arte, com objetivo de descobrir dentro de cada um. Para nós, da educação, este início ajuda o aluno assumir um compromisso com sua formação psicodramática e a ampliar sua percepção sobre o processo da aprendizagem. Não era prioridade nossa a aula teórica expositiva, durante os três primeiros meses. A teoria era passada nos comentários após as vivências. Este módulo na nossa associação era assim nomeado: desenvolvendo o papel do investigador para descobrir o que é psicodrama. Na nossa experiência, neste momento, eram eleitos textos sobre “o processo da aprendizagem” principalmente, sobre as investigações feitas por Piaget, Moreno, Buber, Wallon, Ajuria-guerra... Considero que hoje existe um grupo maior de professores que valoriza estas questões, ou valoriza a indicação de outros autores durante o curso de psicodrama.*

### 3. Moreno refere-se ao ser humano como um ser bio-psico-social-cosmo.

Como estamos construindo a matriz de identidade do homem moreniano? O profissional que busca o psicodrama está acostumado a ter tempo para se trabalhar considerando seu corpo físico, mental, intelectual, emocional e espiritual? Nossa proposta de curso de formação deixa claro aos candidatos que esta formação psicodramática é bastante exigente quando se consideram pesquisas, leituras, desenvolvimento da inteligência volutiva, da inteligência emocional, da inteligência espiritual, da construção de projetos e da percepção? (tanto da percepção das necessidades como a percepção exigida na leitura de processos?).

*Comentários: Sempre acreditamos que se deve iniciar ou estimular, no curso de formação psicodramática, um hábito com o auto-trabalho. Quando favorecemos uma aproximação não só acadêmica do conteúdo psicodramático desencadeia-se um processo de transformação da matriz de identidade do aluno que, a meu ver, tem ação terapêutica. O aluno passa a se comprometer com o saber. Investe em si, trabalhando diariamente seus diversos corpos. A relação da aprendizagem não é mais somente para adquirir conhecimentos. A busca de vários cursos e autocuidados não tem mais fim.*

### 4. Moreno nasceu numa família judaica em 18 de maio de 1889. Viveu em vários países desde seus quatro anos de idade.

Qual é o interesse do grupo para investigar dados históricos? O que influenciou as idéias de Moreno nesta época? Como motivar o grupo para querer saber sobre as idéias e influências do pensamento *moreniano*? Qual seria a influência do hassidismo sobre Moreno? É possível sensibilizar o grupo para a busca de um ponto de partida para o encontro com Moreno? (seu pensamento filosófico e o homem como ser humano universal). É possível, na utilização do próprio psicodrama, dar aulas com dinâmicas, com pouca teoria falada e muita teoria vivida, preparando o grupo para se aproximar de todo o corpo teórico, com grande interesse pela investigação?

*Comentários: Penso que é bem diferente quando compreendemos in-*

*telectualmente o conceito moreniano de homem, ou seja, Ser Humano Universal, do que quando sentimos e percebemos que cada um de nós é na relação EU/TU o resto da humanidade!*

**5. Moreno pede que nos encontremos com o nosso EU interno, que cada qual possa perceber a sua solidão e aprender a dialogar com ela. Construir relações, eis o segredo!**

O que seria a cosmoterapia sobre a qual Moreno insistiu? O homem cósmico? Qual é a extensão da compreensão do grupo ao ouvir este conceito? Se eu utilizar outros autores, como os atuais físicos com os conceitos da física quântica, eu consigo, junto com o grupo, *re-significar* os conceitos que nortearam nossa cultura do século passado? Enfim, investigar com o objetivo de favorecer o encontro com o Homem moreniano que está dentro de cada um, o Homem Humanidade, auxiliaria a construção de uma mente observadora, analisadora e interessada para a leitura? Facilitaria construir um vínculo com o curso que se inicia? O aluno alcançaria uma aproximação sensória, emocional, espiritual e intelectual do conteúdo oferecido pelos outros professores que virão dar outros módulos teóricos ou vivenciados? Amar o próximo como a si mesmo é também poder se colocar no lugar do outro? Sentir suas necessidades? Ser o outro, mas com os recursos internos que o outro possui?

*Comentários: Buber, com seu livro EU e TU, auxilia-nos na elaboração dos nossos sociodramas da aprendizagem, a fim de construirmos os elos das relações sugeridas por Moreno. Na nossa experiência percebemos que a leitura de trechos deste livro desperta os alunos para um estudo mais profundo, em algum momento de seu processo evolutivo.*

*As questões são muitas, ao considerarmos o "Homem moreniano" ou a conservação dentro de nós de uma matriz de identidade do psicodramatista. Cada leitura dos livros de Moreno e outros citados por ele, ou, ainda, de livro ou escritos psicodramáticos de colegas, nos passa tarefas exigentes ou nos auxilia no auto-trabalho, colaborando no aperfeiçoamento da nossa matriz bio-psico-social-cósmica .*

*Porém, outras leituras de autores diversos, aparentemente de outras áreas de estudo, como a física quântica e a psicologia transpessoal, nos favorecem a ir ao encontro de Moreno na extensão universal, e afirmar com ele: - Sou Deus! Consideramos muito importante a técnica de se colocar no lugar do outro, porque ela está fundamentada no amor fraterno.*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

*O olhar, para a rede psicodramática brasileira, de uma profissional aposentada que atualmente vive na Suíça, não ficou diferente. Hoje confirmo antigas percepções sobre a organização do ensino do psicodrama no Brasil. Sempre que participei dos congressos internacionais de psicodrama observei que o psicodrama brasileiro deu um passo à frente quando consideramos a formação da rede dos profissionais para favorecer a troca e a formação de novas gerações de psicodramatista. Realmente, a Febrap cumpre sua função. Vejo que nestes países europeus os psicodramatistas*

*continuam sendo formados dentro de consultórios particulares.*

*Nestes últimos cinco anos, optei por trabalhar fora da rede de psicodrama, uma vez que tenho estado em vários países. Adoro ver como cada ser humano aprende, em qualquer país que tenho tido oportunidade de visitar. Ministrei alguns cursos em Zurich sobre o teatro espontâneo, como: Resgatando sua Criança para Construir seu Papel de Palhaço, representando a Associação F&Z, da qual sou associada. Trabalho na Suíça para brasileiros, em suas próprias casas, dentro de uma proposta de atendimento familiar sistêmico num modelo de terapia breve. Alguns profissionais universitários de diferentes áreas, que chegam ao exterior desenvolvendo inicialmente funções de faxineiros, acompanhantes ou cuidadores de criança, a meu ver são beneficiados com a aprendizagem do olhar psicodramático para re-significar conceitos ou avançar no desenvolvimento da inteligência emocional, desenvolvendo, algumas vezes, seu papel profissional de formação acadêmica ou voltando aos estudos. Em aberturas ou encerramentos de eventos, não perco a oportunidade para utilizar o sociodrama. Assim percebo que quem começou um dia a pesquisar e aprender psicodrama jamais se cura, pode ir pelo mundo afora, pode falar somente uma língua, mas jamais deixará de ser psicodramatista. Quando me aposentei, pensando que fosse parar, comeci tudo novamente num modelo muito novo. Posso morar em qualquer lugar que sempre tenho o que fazer, pois esta tarefa de se trabalhar e de investigar psicodrama é interminável. Já percebi que me acompanhará até as últimas horas de minha existência humana.*

*Penso que sou muito verdadeira, quando digo: - Obrigada, colegas e amigos da Febrap. Jamais me sinto separada de vocês, pois em cada dia que vivemos o encontro com o Homem moreniano, ou seja, O Homem Universal, vivo a Esperança de um mundo mais real, mais saudável para as próximas gerações. Investigar, estudar, ler a revista da Febrap e as novas publicações dos colegas é minha oportunidade de sentir que o movimento psicodramático pulsa forte dentro ou fora do meu ser.*

*Abraço fraterno a todos os queridos amigos que eu encontro, ao pesquisar psicodrama daqui da Suíça. Obrigada por esta oportunidade.*

Endereço da autora:  
Chamen de La Gradelle, 18 – ap. 51  
1224 Chêne Bougerie Geneve  
E-mail: celyprojeto-elo@bluewin.ch